

Cinema e suas possibilidades cotidianas

Acreditamos muito que o cinema é uma potência que nos traz muitas possibilidades de se '*verouvirpensar*¹' o cotidiano de muitas formas. '*Vemosouvimos*' muitos filmes e eles nos trazem muitas discussões de como o possível fictício se torna tão real quando nos deparamos com situações do dia a dia, com cenas que nos levam a pensar sobre nossas vidas, sobre nossos estudos, sobre tudo que está ao nosso redor.

Dentre muitos filmes, tivemos uma experiência muito interessante com o filme *Brooklyn*, ele é baseado no romance do escritor contemporâneo Colm Tóibín, contudo muitos comparam também com o estilo de Jane Austen. O diretor John Crowley, foi muito feliz na escolha da protagonista Saoirse Ronan interpretando a jovem Eilis Lacey, a leveza e as fortes expressões, certamente levou a atriz receber uma nomeação ao Oscar de melhor atriz. Um filme que retrata muito sobre decisões e questões do cotidiano e nos faz questionar muito sobre perdas, convívios com familiares, vizinhos, questões de trabalho, estudo e outros. Nessas narrativas, podemos ver as tantas possibilidades dos encontros que são apresentadas e assim, possibilitando sempre as '*conversas*' sobre essas realidades pensando nas nossas.

¹ Utilizamos esses termos – reunidos e em itálico – pois tem a ver com a necessidade de mostrar que as dicotomias que foram vitais na criação dos *conhecimentossignificações* científicos, na Modernidade, hoje significam limites para o que é necessário criar em ciências, pelo menos em educação.



Capa do filme Brooklin

O filme retrata de maneira muito intensa o sofrimento da partida, a dor de deixar sua família, seus amigos, sua terra, sua pertença é muito forte. Com pouca bagagem Eilis, pega o navio para os EUA. Uma travessia pesada, com situações novas e inicialmente só. Eilis encontra em sua parceira de quarto, uma importante ajuda para suportar a vida em alto-mar e a sua entrada no novo país.

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é "diégese", como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada ("guia") e passa através ("transgride"). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é topológico, relativo às deformações de figuras, e não tópico, definidor de lugares. O limite aí só circunscreve a modo de ambivalência. Ele mesmo, um jogo duplo. Faz o contrário daquilo que diz. Entrega o lugar ao estranho que na aparência lança fora. Ou então, quando marca uma parada, não é estável, segue antes as variações dos encontros entre programas. As demarcações são limites transportáveis e transportes de limites, eles também "metaphorai". (CERTEAU, 2012, p.197)

Os relatos de vida trazidos no filme são experiências de várias pessoas que tentam melhorias de vida. Em suas narrativas, muitos migrantes passam por situações próximas, mas cada uma se torna única, pois as experiências são pessoais, e assim as experiências religiosas são marcadas também pela experiência migratória que passa pelas buscas de ajuda junto a pessoas, grupos religiosos. Certamente,

pela necessidade de aconchego, partilha das dores, das dificuldades financeiras, e tantas outras questões que não conseguiria enumerar. O que faz surgir uma procura que às vezes perpassam por alguns questionamentos existências, a procura passa ocasionalmente pelo universo religioso, lugar em que muitas pessoas buscam formas de sentido. E dentro desse caminhar a fé indica percursos possíveis, assim, veremos o trilhar de Eilis, que tenta através do convívio da vida em comunidade amenizar a dor da solidão a nova situação de vida. Esse movimento de fé, surgiu como alívio, ou seja, consolação para quem é estrangeiro ou não.

Esse filme traz muitas narrativas que nos fazem pensar em nossos cotidianos, em como muitas vezes fazemos sacrifícios pensando em melhorar, pensando em como o sofrimento vale a pena. Um filme que aparentemente é antigo, mas que trazem mensagens super atuais, que fazem questionar sobre relações, família, trabalho.

Assim, trazer a vida cotidiana é buscar compreender a complexidade da realidade do dia a dia e observar as diversas redes que constituem as relações entre as dificuldades, como também as experiências dos diferentes '*praticantespensantes*'.

Referências:

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. 19ª. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

Sobre as autoras:

Izadora Agueda – Mestre pelo programada de Pós-graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / PROPED – UERJ. Integrante do grupo de pesquisa Currículos Cotidianos: Redes Educativas, Imagens e Sons.

Juliana Rodrigues – Professora, mestre e doutoranda pelo programada de Pós-graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / PROPED – UERJ. Integrante do grupo de pesquisa Currículos Cotidianos: Redes Educativas, Imagens e Sons.